



# prólogos, com um prólogo de prólogos (1975)

jorge luis borges

tradução josely vianna baptista



COMPANHIA DAS LETRAS

copyright © 1998 by maria kodama  
todos os direitos reservados

título original  
prólogos, con un prólogo de prólogos (1975)

capa e projeto gráfico  
raul loureiro  
claudia warrak  
foto página 1  
sara facio  
preparação  
otávio marques da costa  
revisão  
isabel jorge cury  
carmem s. da costa

As traduções de passagens em latim ao longo do livro são de Francisco Ashear.  
O epigrama de Goethe, à p. 233, foi traduzido por João Azanha.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.  
Prólogos, con un prólogo de prólogos (1975) / Jorge Luis  
Borges; tradução Josely Vianna Baptista. — São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: prólogos, con un prólogo de prólogos (1975)

ISBN 978-85-359-1640-9

1. Contos argentina I. Título

10-02055

CDD-ar863

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura argentina ar863

[2010]  
todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
telefone (11) 3707-3500  
fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br

prólogo de prólogos	7
prosa e poesia de amafuerte	11
hilario ascasubi: <i>paulino lucero. aniceto el gallo. santos vega</i>	20
adolfo bioy casares: <i>a invenção de morel</i>	28
ray bradbury: <i>crônicas marcianas</i>	32
estanislaio del campo: <i>fausto</i>	36
thomas carlyle: <i>sartor resartus</i>	42
thomas carlyle: <i>dos heróis</i> . ralph waldo emerson: <i>homens representativos</i>	44
versos de carriego	52
miguel de cervantes: <i>novelas exemplares</i>	56
wilkie collins: <i>a pedra lunar</i>	61
santiago dabove: <i>a morte e seu traje</i>	64
macedonio fernández	68
<i>o gaucho</i>	81
alberto gerchunoff: <i>retorno a dom quixote</i>	86
edward gibbon: <i>páginas de história e de autobiografia</i>	89
roberto godel: <i>nascimento do fogo</i>	99
carlos m. grünberg: <i>mester de judiaria</i>	102
francis bret harte: <i>esboços californianos</i>	108
pedro henríquez ureña: <i>obra crítica</i>	112

josé hernández: *martín fierro* 118  
henry james: *a humilhação dos northmore* 135  
franz kafka: *a metamorfose* 139  
nora lange: *a rua da tarde* 144  
lewis carroll: *obras completas* 147  
o matreiro 152  
herman melville: *bartleby* 157  
francisco de quevedo: *prosa e verso* 161  
attilio rossi: *buenos aires a nanquim* 172  
domingo f. sarmiento: *lembranças de província* 175  
domingo f. sarmiento: *facundo* 182  
marcel schwob: *a cruzada das crianças* 190  
william shakespeare: *macbeth* 193  
william shand: *ferment* 201  
olaf stapledon: *fazedor de estrelas* 205  
emanuel swedenborg: *mystical works* 208  
paul valéry: *o cemitério marinho* 222  
maría esther vázquez: *os nomes da morte* 228  
walt whitman: *folhas da relva* 232

## prólogo de prólogos

Creio desnecessário esclarecer que Prólogo de Prólogos não é uma locução hebraica superlativa, à maneira do Cântico dos Cânticos (assim escreve Luis de León), Noite das Noites ou Rei dos Reis. Trata-se, simplesmente, de uma página para anteceder os dispersos prólogos selecionados por Torres Agüero Editor, cujas datas oscilam entre 1923 e 1974. Uma espécie de prólogo, digamos, elevado à segunda potência.

Por volta de 1926, incorri em um livro de ensaios, cujo nome não quero lembrar, que Valery Larbaud, talvez para agradar a nosso amigo comum Güiraldes, louvou pela variedade de seus temas, julgando-a própria de um autor sul-americano. O fato tem suas raízes históricas. No Congresso de Tucumán, resolvemos deixar de ser espanhóis; nosso dever era fundar, como os Estados Unidos, uma tradição que fosse diferente. Procurá-la no mesmo país do qual nos havíamos desligado teria sido um evidente contrassenso; procurá-la em uma imaginária cultura indígena teria sido tão impossível quanto absurdo. Optamos, fatalmente, pela Europa e, em particular, pela França (o próprio Poe, que era americano, chegou-nos por intermédio de Baudelaire e

de Mallarmé). Além do sangue e da linguagem, que também são tradições, a França influenciou sobre nós mais do que qualquer outra nação. O simbolismo, cujas duas capitais, segundo Max Henríquez Ureña, foram México e Buenos Aires, renovou as diversas literaturas cujo instrumento comum é o espanhol e é inconcebível sem Hugo e Verlaine. Depois cruzaria o oceano e inspiraria na Espanha ilustres poetas. Quando eu era menino, ignorar o francês era ser quase analfabeto. Com o correr dos anos, passamos do francês ao inglês e do inglês à ignorância, sem excluir a do próprio castelhano.

Ao revisar este volume, descubro nele a hospitalidade daquele outro, hoje tão razoavelmente esquecido. A fumaça e o fogo de Carlyle, pai do nazismo, as narrativas de um Cervantes que ainda não terminara de sonhar o segundo Quixote, o mito genial de Facundo, a vasta voz continental de Walt Whitman, os gratos artifícios de Valéry, o xadrez onírico de Lewis Carroll, as eleáticas postergações de Kafka, os concretos céus de Swedenborg, o som e a fúria de Macbeth, a sorridente mística de Macedonio Fernández e a desesperada mística de Almafuerte encontram aqui seu eco. Reli e vigiei os textos, mas o homem de ontem não é o homem de hoje, e permiti-me pós-escritos, que confirmam ou refutam o precedente.

Que eu saiba, ninguém formulou até agora uma teoria do prólogo. A omissão não nos deve afligir, já que todos sabemos do que se trata. O prólogo, na triste maioria dos casos, confina com a oratória de sobremesa ou com os panegíricos fúnebres e é pródigo em hipérboles irresponsáveis, que a leitura incrédula aceita como convenções do gênero. Há outros exemplos — recordemos o memorável

estudo que Wordsworth prefixou à segunda edição de suas *Lyrical Ballads* — que enunciam e defendem uma estética. O prefácio comovido e lacônico dos ensaios de Montaigne não é a página menos admirável de seu livro admirável. O de muitas obras que o tempo não quis esquecer é parte inseparável do texto. Em *As mil e uma noites* — ou, como quer Burton, em *O livro das mil noites e uma noite* —, a fábula inicial do rei que faz decapitar sua rainha toda manhã não é menos prodigiosa que as seguintes; o desfile dos peregrinos que irão narrar, em sua cavalgada piedosa, os heterogêneos *Contos de Canterbury* foi considerado por muitos o relato mais vívido do volume. Nos palcos elisabetanos, o prólogo era o ator que proclamava o tema do drama. Não sei se é lícito mencionar as invocações rituais da epopeia: o *Arma virumque cano*, que Camões repetiu com tanta felicidade:

As Armas e os Barões assinalados...

O prólogo, quando os astros são favoráveis, não é uma forma subalterna do brinde; é uma espécie lateral da crítica. Não sei que julgamento favorável ou adverso merecerão os meus, que abarcam tantas opiniões e tantos anos.

A revisão destas páginas esquecidas sugeriu-me o plano de outro livro, mais original e melhor, que ofereço aos que desejarem executá-lo. Penso que exige mãos mais destros e uma tenacidade que já me abandonou. Carlyle, pelos anos de mil oitocentos e trinta e tantos, simulou, em seu *Sartor Resartus*, que certo professor alemão tinha dado à estampa um douto volume sobre a filosofia da roupa, e traduziu-o parcialmente e o comentou, não sem algum reparo. O



livro que estou entrevendo é de índole análoga. Constaria de uma série de prólogos de livros que não existem. Seria pródigo em citações exemplares dessas obras possíveis. Há argumentos que se prestam menos à escrita laboriosa que aos ócios da imaginação ou ao indulgente diálogo; tais argumentos seriam a impalpável substância dessas páginas, que não serão escritas. Prologaríamos, talvez, um Quixote ou Quijano que nunca sabe se é um pobre sujeito que sonha ser um paladino cercado de feiticeiros ou um paladino cercado de feiticeiros que sonha ser um pobre sujeito. Seria conveniente, por certo, eludir a paródia e a sátira; as tramas deveriam ser daquelas que nossa mente aceita e almeja.

*J. L. B.*

*Buenos Aires, 26 de novembro de 1974*